

NARRATIVAS EM TENSÃO: MODOS DE SER JOVEM NA/DA PERIFERIA

NARRATIVES IN TENSION: MODES TO BE YOUNG IN THE PERIPHERY

Daniela Matos*

RESUMO:

O artigo busca compreender como diferentes fluxos narrativos configuram o coletivo 'juventude urbana e periférica' e identificar o lugar da autonarrativa juvenil periférica nessa articulação. Para a análise, desenvolvemos um arranjo teórico metodológico, identificado como Mapa-Texto, que compreende os mecanismos de cooperação, negociação e embate operados por diferentes atores sociais e suas narrativas na construção dos modos de ser jovem nas/das periferias urbanas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa; juventude; periferia; mapa-texto

ABSTRACT:

The article seeks to understand how different narrative flows constitute the collective 'urban and peripheral youth' and identify the place of peripheral juvenile autonarrativa this joint. To achieve this analytic endeavor propose the application of a theoretical and methodological arrangement identified as map-text (MATOS, 2012) which aims to provide an understanding of the mechanisms of cooperation, negotiation and confrontation operated by different social actors and their narratives to constitute a particular socio-cultural construct in this case, the modes of being young in Brazilian urban periphery.

KEYWORDS: narratives; young; periphery; map-text

NOVOS SUJEITOS, NOVOS ATORES

A partir da década de 1990 a juventude das periferias dos centros urbanos brasileiros entra, fortemente, na pauta de debates da sociedade brasileira. Entram em cena grupos juvenis com origem em espaços periféricos das cidades - das comunidades, favelas,

* Professora Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutora em Comunicação. CACHOEIRA, Brasil. danielamatos.ufrb@gmail.com

morros - que expressam demandas por igualdade social e visibilizam as situações de escassez em que vivem. São os sujeitos¹ que falam, exigem, contestam, aqueles que Stuart Hall chamou de “novos sujeitos no cenário político e cultural” (2003, p. 338) os quais ocupam algum espaço de fala em meio às discursividades sociais hegemônicas e colocam em prática “guerras de posição culturais” (2003, p. 339).

O conceito de periferia acionado neste trabalho dialoga com uma perspectiva teórico-política que marca os espaços periféricos não pela sua localização geográfica-espacial na cidade, e sim pelas condições de vida que oferecem aos seus moradores, tais como, habitação, serviços básicos de saneamento, segurança, serviços de saúde, educação, equipamentos culturais, etc. Apesar disso, não estamos propondo um vetor de identificação ancorado apenas nas ausências, e sim na percepção desses espaços como territórios onde se vive, cria, compartilha e se produzem “caprichosos modos de re-existência” (SALLES, 2004, p. 102). Lugares nos quais o trânsito, as articulações entre as partes, a dinâmica entre ausências e presenças possibilitam a elaboração de táticas próprias para viver e ocupar esses espaços fronteiros, ou periféricos, carregadas de inventividade.

Como sugere o pensador indiano Homi Bhabha (2001, p.20). “Esses entre-lugares fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”. Entre os sujeitos que inventam e criam ações de contra-racionalidades (SANTOS, 2006), estão os jovens, homens e mulheres, que revelam maneiras próprias de viver esse lugar, sobreviver a ele e transformá-lo.

A juventude, especialmente aquela das periferias, aparece caracterizada - por acadêmicos, ativistas, políticos, etc. - das mais diversas formas. Como potenciais atores na construção de uma sociedade mais justa ou a partir do empreendimento de uma atuação contra-hegemônica (ARAÚJO & COUTINHO, 2008), por exemplo. A afirmação de Manuel Castells (2004), no prefácio do livro *Gangues, galeras, chegados e rappers - juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*, traduz essa perspectiva: “enquanto organizamos, por cima, a nova ordem econômica e tecnológica, um amplo setor de jovens está construindo, por baixo, uma desordem alternativa feita de sua negação a um sistema que os nega” (2004 p.10).

Ao mesmo tempo, essa população jovem aparece como alvo privilegiado de violência simbólica através da manutenção de discursos estigmatizantes que reforçam o que Jailson Souza (2005) conceitua como kit-estigma, “ser negro, jovem e morador da periferia ou da favela” (2005, p.15). Esses jovens também são o alvo principal da violência física que acontece prioritariamente nas cidades. Estudos de perfil demográfico demonstram que ser jovem, pobre, do sexo masculino, no Brasil é um fator de risco. Nas últimas décadas, há um aumento significativo nos índices de mortalidade juvenil por fatores externos, nos quais atos violentos correspondem à maioria¹ (CASTRO et al, 2009).

O Mapa da Violência 2011 (Instituto Sangari e Ministério da Justiça) apresenta dados alarmantes sobre a violência urbana que atinge os jovens brasileiros, em sua maioria, homens e negros. Alguns dados são impactantes: em 1996 a taxa de homicídios no Brasil foi de 41,7 vítimas juvenis por 100 mil; em 2008 essa taxa cresceu para 52,9. Nesse mesmo período, o número de vítimas brancas caiu de 18.852 para 14.650 (-22,3%) enquanto na população negra o número de vítimas de homicídio aumentou de 26.915 para 32.349, o que equivale a um crescimento de 20,2%. (WAISELFISZ, 2011).

Diante desse breve panorama revelador das contradições que implicam ser jovem e pobre no Brasil, identificamos um investimento significativo de pesquisadores em reconhecer as práticas desses jovens enquanto fundamentais para a compreensão do ambiente contemporâneo e, fundamentalmente, das dinâmicas sociais que o caracterizam.

São jovens que não são ‘problemas’ nem ‘solução’, que vivem seu cotidiano e procuram um espaço, um tempo, uma forma, uma linguagem para expressar seus desejos, suas dores e alegrias, suas demandas e sentimentos, suas diferenças e diversidades, buscando ser ouvidos, ou simplesmente, ser visíveis. Que vivem e convivem com crianças, adultos, idosos e constroem com eles os sentidos de suas narrativas e trajetórias de vida. Que procuram espaços e tempos de autonomia, afirmação, resistência, entre os programas de controle e de ‘gestão da pobreza’ e a violência cotidiana com a qual convivem (TOMMASI, 2013, p.68).

A busca dessa visibilidade é uma demanda importante que tem sido identificada como fundamento para diversos movimentos contestatórios e ações políticas de grupos com pertencimento declarado as periferias. Em todas situações a busca por se fazer visível e expressar suas pautas políticas parecem ser uma grande questão articuladora.

Na perspectiva de Borelli & Rocha (2008) os jovens contemporâneos são os “escritores da urbanidade” que inscrevem nas cidades e são inscritos por elas, e que, nesse

processo de ocupação, de reapropriações táticas do espaço urbano, são também vítimas de violências simbólicas e físicas.

A metrópole é suporte por meio do qual se faz circular uma miríade de linguagens juvenis. Em contrapartida, ela também se inscreve nos corpos de jovens homens e jovens mulheres, conformando o modo como andam, vestem-se, expressam-se, amam-se e colocam-se a sonhar. Escritores da urbanidade são por ela também escritos, em uma por muitas vezes tensionada relação de intercâmbio e negociação de sentidos (BORELLI & ROCHA, 2008, p. 28).

A ideia de escritores, mencionada acima, nos parece bastante fértil. Isso porque nos permite acionar, pelo menos, duas dimensões do conceito, simultaneamente: escritores de textos, produtos comunicacionais que articulam a construção de sentidos e significados, marcados em um determinado suporte comunicativo e, ao mesmo tempo, escritores do texto urbano, em um sentido ampliado, a partir das marcas que suas ações, nas palavras de Michel de Certeau suas “enunciações pedestres” (2011, p. 165), deixam nas complexas e ambivalentes cidades contemporâneas.

O caso, analisado nesse artigo, é de um material expressivo em forma de Diário, elaborado pelo Grupo Jovens Realistas do Cotidiano (JRC)³ - do bairro Alto do Cabrito da cidade de Salvador, na Bahia - que demonstra o potencial de uma escrita autoral na busca por ocupar um determinado lugar no conjunto de textos que posicionam a juventude das periferias. Pretendemos reconhecer a dinâmica de interação entre a autonarrativa juvenil e outras discursividades que compõem o jogo de forças na sociedade. Portanto, uma análise atenta aos sentidos da luta política no terreno da significação, campo estratégico de atuação social no contexto contemporâneo.

ENTRE PERCURSOS E NARRATIVAS: O MAPA- TEXTO

Para realizar uma análise que visa compreender como diferentes fluxos narrativos configuram o coletivo ‘juventude urbana e periférica’ e o lugar da autonarrativa juvenil nessa articulação, propomos a aplicação de um arranjo teórico metodológico identificado como mapa-texto (MATOS, 2012) que visa oferecer uma compreensão dos mecanismos de cooperação, negociação e embate operados por diferentes atores sociais e suas narrativas.

O mapa-texto é confeccionado a partir da reunião de fragmentos narrativos que visa compreender o falar/escrever de jovens moradores de periferias e de que modo este articula-se, seja em movimento de contraposição, adesão, ou crítica, a outros escritos

socialmente reconhecidos. Entre muitas possibilidades de montar esse mapa-texto propomos três tipos de fragmentos textuais para compor mosaico de escrita: textos oficiais; midiático-massivos e locais. Acreditamos que essa escolha dá conta de uma pluralidade razoável de olhares, agregando narrativas de sujeitos com diferentes inserções e posições de poder na estrutura formal da sociedade.

Os textos oficiais têm origem nas narrativas do Poder Público, nesse caso do Governo do Estado da Bahia; os textos midiático-massivos são aqueles publicados em veículos de comunicação de ampla disseminação e alcance; já os textos locais são aqueles resultantes da voz de pessoas “comuns”, nesse caso o material expressivo identificado como Diários Criativos⁴. Importante destacar que nessa montagem os fragmentos são peças em articulação que não obedecem a nenhum tipo de hierarquia que credita um texto ou outro como mais verdadeiro, mais correto, mais real.

UMA NARRATIVA OFICIAL

Para reconhecer algumas marcas presentes em textos oficiais propomos um olhar analítico sobre o plano estadual da juventude, aprovado pela lei no. 1835/2010 em novembro de 2011, sancionada pelo Governador em 17.11.11 e, portanto, o primeiro instrumento legal que trata dos direitos dos jovens na Bahia. Acreditamos que o Plano representa, de forma exemplar, o olhar institucional sobre o jovem enquanto sujeito de direitos e sobre a juventude enquanto um grupo identitário, que, apesar de sua diversidade, apresenta traços comuns.

A Lei 1835/2010 que aprova o Plano Estadual de Juventude estabelece que o mesmo será executado ao longo de 12 (doze) anos, a partir da sua publicação, o que caracteriza essa ação de política pública com um certo grau de longevidade, o que podemos associar a uma tentativa de minimizar os efeitos gerados por mudanças de Governo. O Plano deve ser implementado a partir de 5 (cinco) eixos orientadores: I- Emancipação e autonomia juvenil, II - Bem-estar Juvenil, III - Desenvolvimento da Cidadania e Organização Juvenil, IV - Apoio à Criatividade Juvenil e V - Reconhecimento das Diversidades. Cada um dos eixos orientadores está organizado em diretrizes que os especificam e detalham.

Focaremos nossa atenção nas diretrizes acionadas para o Eixo - V Reconhecimento das Diversidades, visto que queremos identificar como o texto oficial compreende a especificidade do jovem morador de espaço periférico e urbano. As diretrizes desse eixo que

demarcam especificidades inerentes ao coletivo “jovem” são: jovem negro e negra, jovem indígena, jovem rural, jovem deficiente, jovem LGBTT, jovem mulher e jovem em conflito com a lei e com restrição de liberdade.

A ausência do segmento “jovem urbano” nos permite tecer algumas primeiras considerações. Podemos considerar que a condição “urbana” tem a potencialidade de ser associada a todos os demais segmentos, exceto, claro ao jovem rural, e que o jovem morador das cidades não é identificado enquanto grupo, inicialmente, por essa condição e sim pelo cruzamento dela com alguma outra característica em evidência, ser negro(a), estar em conflito com a lei, ser mulher, entre outros. Essa ausência fragiliza a formulação de algumas demandas específicas, por exemplo: ser um jovem negro e morador de espaços urbanos periféricos traz condições bastante diferenciadas quanto à segurança e violência do que ser um jovem negro e morador de localidades consideradas centrais na dinâmica das cidades. Esta condição social não aparece diretamente implicada em nenhuma dessas “diversidades” reconhecidas pelo Poder Público, mas pode estar implicado em todas elas.

Na Art 1º, que apresenta os “Objetivos Estratégicos”, identificamos o acionamento da marca “local de residência” quando o texto especifica quais particularidades serão consideradas na garantia dos direitos da juventude, no inciso VI.

VI - garantir os direitos da juventude, considerando gênero, orientação sexual, raça, etnia, deficiência e local de residência, nas mais diversas áreas: educação, ciência e tecnologia, cultura, comunicação, desporto, lazer, participação política, trabalho e renda, saúde, meio ambiente, terra, agricultura familiar, entre outras, levando-se em conta a transversalidade dessas políticas de maneira articulada; (BAHIA, 2010, s/p. *grifo nosso*)

A inclusão dessa condição sociogeográfica como marca diferencial de inserção do jovem na sociedade minimiza os efeitos da ausência da diretriz “jovem urbano”, porque reconhece as diferenças no acesso aos direitos decorrente do pertencimento territorial. Reconhece ainda que ser jovem e morar em um bairro reconhecido como periférico traz implicações distintas de ser jovem e morar num lugar reconhecido socialmente como central. Essas implicações são de ordem objetivas como condição das moradias, do sistema de transporte, qualidade dos serviços de educação, saúde, saneamento básico, cultura, etc. e subjetivas como as representações que predominam no imaginário coletivo sobre o jovem pobre como potencialmente violento, marginal.

Identificamos outras passagens que reforçam essa perspectiva territorial como definidora das possibilidades de inserção social dos jovens. No Capítulo V - Do Reconhecimento das Diversidades, a seção I que trata das especificidades de jovens negros e negras apresenta como uma das suas ações programáticas “ampliar ações de qualificação profissional, desenvolvimento humano, participação política, combate à violência e de reforço à cidadania e identidade dos jovens negros, especialmente nas áreas de grande aglomeração urbana. (BAHIA, 2010,s/p, *grifo nosso*). E no Cap. II - Do Bem estar Juvenil, a seção II destaca a necessidade de priorizar a ações de segurança pública nas áreas com maiores taxas de violências, que, segundo estudos como o Mapa da Violência 2011 e a Pesquisa Juventude e Políticas Sociais no Brasil (CASTRO et al, 2009), coincide com as localidades consideradas periféricas no contexto urbano.

III - estimular, no âmbito das políticas públicas de segurança, ações de prevenção da violência, promoção da cidadania e controle social, reforçando a prática do policiamento comunitário, com prioridade nas áreas com altas taxas de violência e promovendo formação nas áreas de direitos humanos e mediação de conflitos, conforme as diretrizes apontadas pelo PRONASCI; (BAHIA, 2010,s/p, *grifo nosso*)

Desse modo, ratificamos a nossa observação de que o texto oficial, acionado para a composição do nosso mapa-texto, reconhece as particularidades de ser jovem no contexto urbano e, especialmente, de que a inserção territorial pode dificultar, ou até mesmo impossibilitar, o acesso aos direitos básicos desses jovens homens e mulheres.

UMA NARRATIVA MIDIÁTICA

O segundo conjunto narrativo acionado para compor o mapa texto é formado por 58 textos midiático-massivos publicados na versão impressa do Jornal A Tarde⁵, que foram coletados a partir das palavras-chave juventude e periferia.

O trabalho de análise nos possibilita apresentar três (3) principais marcas acionadas para caracterizar o jovem das periferias, são elas: o jovem como alvo de violência urbana, o jovem como autor de atos violentos e o jovem como público beneficiário de ações sociais.

A marca que aparece com maior frequência é aquela em que os jovens das periferias são apresentados com alvo de violência. Das 21 matérias que correspondem a essa caracterização, a maioria tematiza a morte violenta de jovens moradores de espaços periféricos da cidade de Salvador e, entre elas a maior recorrência é de violência policial.

São histórias que se repetem com enredos muito semelhantes. O trecho da matéria abaixo ratifica essa observação.

Djair morreu aos 16 anos na invasão da Pelaporco. Ricardo tinha 17 quando foi assassinado na área do Bate Facho. Já Edvandro perdeu a vida aos 19 durante uma ação policial no Cabula. Assim como Diego de Jesus Sampaio, de 17 anos, todos eles eram jovens, afrodescendentes, de baixa renda e sem ligação com a criminalidade. “Esta havendo um processo de extermínio da juventude negra. E isso só vai acabar quando houver mudança na política de segurança pública”, comenta Hamilton Borges, integrante da campanha Reaja ou será Morto, Reaja ou será Morta! Desde 2005, esse movimento alerta sobre os crimes contra jovens da periferia de Salvador. (COMUNIDADE... 2008, p. 08)

Essa percepção está relacionada à questão da violência no cenário urbano e articula-se com dados divulgados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre violência e juventude que apontam o jovem, majoritariamente do sexo masculino, como maior vítima da violência urbana no Brasil, especialmente em casos de homicídios (CASTRO et al, 2009).

Ao lado da caracterização do jovem como alvo de violências está tematizado o jovem da periferia como agente da violência urbana. Entre as situações visibilizadas pelas narrativas midiáticas a maior parte está relacionada ao envolvimento do jovem pobre com o tráfico de drogas e aos atos violentos decorrentes dessa conjunção. Algumas também tematizam roubos e furtos como práticas associadas aos jovens das periferias.

Uma das matérias, citando o delegado-titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes, afirma que a grande maioria das pessoas que são presas por infrações relativas ao tráfico de drogas são jovens, negros e das periferias embora reconheça a incapacidade da força policial em atuar em outros seguimentos da sociedade.

Cerca de 90% dos que prendemos são traficantes negros ou pardos, entre 18 e 25 anos, e residentes no subúrbio. Não significa que somente eles sejam traficantes acontece que nossa estrutura não permite aprofundar a investigação e atingir pessoas em graus mais elevados”. (DELEGACIA..., 2008, p. 4).

A naturalidade como essa informação aparece colabora ainda mais para uma naturalização da imagem do jovem negro e pobre das periferias enquanto um sujeito sem direitos ou, podemos dizer, aos quais a ausência de garantia dos direitos não causa estranhamento. A relação com o uso de drogas e substâncias psicoativas também é acionada como explicação para atos violentos em diversas matérias.

Mas o crack é a droga da pobreza, da miséria. É barato, todo mundo pode ter, revender. Deteriora as relações. Não há quadrilhas, há gangues de garotos, sem experiência com armas, mas usando cada vez mais armas de fogo, lutando por território nas periferias (DELEGACIA..., 2008, p.4)

Essa recorrência temática contribui muito acentuadamente para a constituição da imagem do jovem como um sujeito violento, o que passar a reforçar a condição de suspeito para o jovem pobre (KLIKSBURG, 2006). Pesquisa do IPEA, realizada em âmbito nacional, oferece indícios que consolidam essa relação “jovem pobre” & “suspeito de conduta não adequada” quando demonstra que pessoas entre 15 e 24 anos sofrem mais abordagens policiais do que o restante da população. Essa faixa etária representa 26% da população brasileira e 49% dos indivíduos que já foram abordados pela polícia (CASTRO et al, 2009).

Um terceiro conjunto de características presente na narrativa visibilizada pela mídia massiva é aquele que apresenta o jovem das periferias a partir da sua situação de vulnerabilidade social e, por isso, como público prioritário de ações sociais.

A ação de ONG's e outras formas organização da sociedade civil são temas destacados nesse conjunto. Os projetos apresentados variam desde aqueles ligados a educação formal, como cursinhos pré-vestibulares sociais, passando por atividades com foco na arte-educação e expressão cultural. Apesar da diversidade de modelos e focos de atuação o posicionamento oferecido por esses textos midiáticos é, na grande maioria dos casos, do jovem enquanto beneficiário, público-alvo de projeto e ações. Esse panorama revela um tom bastante assistencialista na constituição da juventude das periferias. Aqui o sujeito jovem aparece como alguém que precisa ser ajudado por instâncias exteriores as suas próprias redes de sociabilidade.

UMA AUTONARRATIVA JUVENIL: O DIÁRIO CRIATIVO

Figura 1 – Capa do Diário Criativo do Grupo Jovens Realistas do Cotidiano



Com objetivo de concluir o movimento de composição do mapa-texto e identificar a potência política de uma autonarrativa juvenil destacamos a contribuição do Diário Criativo do Grupo Jovens Realistas do Cotidiano para a construção de um modo de ser jovem e morador do bairro Alto do Cabrito. Buscamos reconhecer como essa autonarrativa negocia, adere, tensiona com outras amplamente disponíveis na construção do ser jovem.

O Diário A seção “Perguntas e Respostas”, que dá início aos escritos desse Diário, funciona como nosso ponto de partida para analisar o processo de constituição do ser jovem no (do) Alto do Cabrito. Esses escritos demonstram um movimento direto de negociação com as perguntas provocadoras, elaboradas pelo CRIA⁶, na contra-capas do caderno.

De que fonte nós bebemos?

De uma fonte inesgotável. Que a cada dia vai renovando-se de coisas boas e naturais como: cultura, arte, conhecimento e integração com o próximo e mais que tudo com o orgulho de certa forma de está tentando mudar nossa sociedade.

O que me alimenta nesse bairro?

O que me alimenta é o prazer de estar tendo um retorno, pois tudo que fazemos de bom ou ruim voltam. Mais no nosso caso tudo de bom que passamos e ensinamos vai ter um retorno

bom. Sem falar que ainda existem pessoas no meu bairro que tentam mudar as coisas também, é isso que nos incentiva mais e mais.

Que paisagens eu vejo da minha janela?

Eu vejo muitos conflitos na minha comunidade. Mas também eu vejo um sol lindo e um dia maravilhoso e é isso que nos dá forças para tentar tirar as paisagens ruins como: violência, discriminação racial e social, alienação de classes, medicação e etc.

O que queremos olhar?

No mundo em que vivemos muitas vezes escolhemos o que olhar, mas muitos hoje tentam não olhar o que está na nossa cara e deixam passar despercebidos do meio em que vivemos. Mais hoje podemos olhar o mundo de outra forma. De uma forma que tudo um dia pode mudar de algum jeito. Então não olhe só as coisas ruins olhe as boas e sempre que ver mais ruim “que tal tentar mudar o que você está vendo”. [sic] (JRC, 2008. s/p).

Esse texto revela, do ponto de vista do jovem, integrante do JRC, a importância da ação comunitária como estratégia de mudança social. Também explicita que essa mudança é consequência de um tipo de escolha, entre tantas que são possíveis, diante do contexto no qual estão inseridos. Há uma interessante dimensão da transformação de uma experiência sensível, expressa na ideia de mudar o olhar, o modo de ver, referida várias vezes nesse texto. Nele, o autor reconhece as dificuldades enfrentadas e também as riquezas do lugar, valoriza as iniciativas do seu grupo e também de outros sujeitos e coletivos que atuam no mesmo lugar. O jovem se coloca aqui a partir da condição de agente transformador da realidade, assumindo a responsabilidade de alterar o estado de coisas. “Que tal tentar mudar o que está vendo?”, o sujeito jovem e autor do texto pergunta aos outros e a si mesmo. Interessante perceber que esse movimento de convocação e, de certo modo, de responsabilização, é realizado de jovem para jovem.

Em seguida, queremos chamar atenção para o texto da terceira (3^a) página do Diário, escrito com hidrocor colorido, em duas colunas, com formato de um Rap. Este apresenta o coletivo juvenil do Alto do Cabrito a partir da sua preocupação com a realidade do local e destaca seu modo de atuar realizando ações de arte e de educação. Valoriza os jovens integrantes do grupo como pessoas “de fibra” que querem combater preconceitos através da poesia e do hip hop. Também evidencia a dimensão do real e a contrapõe com aquilo que os jovens desejam, explicitando um espaço entre essas dimensões (do real e do ideal). É justamente nesse intervalo entre a realidade e o desejo que a atuação transformadora pode acontecer.

Vamos nesse plano falando a realidade do que queremos.
 O que nos incomoda e também o que não queremos
 Trazendo a arte, cultura e diversão
 Falando do Brasil e da educação
 JRC pessoas de muita fibra
 JRC galera na ativa
 JRC sempre na união
 Jovens Realistas do Cotidiano na ação
 Indagando as pessoas e quebrando preconceitos
 Falando da realidades e os defeitos
 Poesia para mecher com seus pensamentos
 Falando a verdade para que fiquem atentos
 Então quem está aqui preste muita atenção
 Hip Hop na cabeça e amor no coração

[sic] (JRC, 2008, s/p).

O fio condutor do texto que apresenta o modo de ser um jovem “realista”, continuando sendo relacionado a função transformadora da ação juvenil e as características associadas à força, fibra, garra e capacidade de articulação, ou “união”, uma das palavras usadas pelo grupo no texto coletivo. Chama atenção o uso central da imagem do grupo em pé, em roda e de mãos dadas acompanhando o texto manuscrito, comentado acima, que apresenta o JRC, e seus objetivos enquanto ator coletivo na comunidade do Alto do Cabrito.

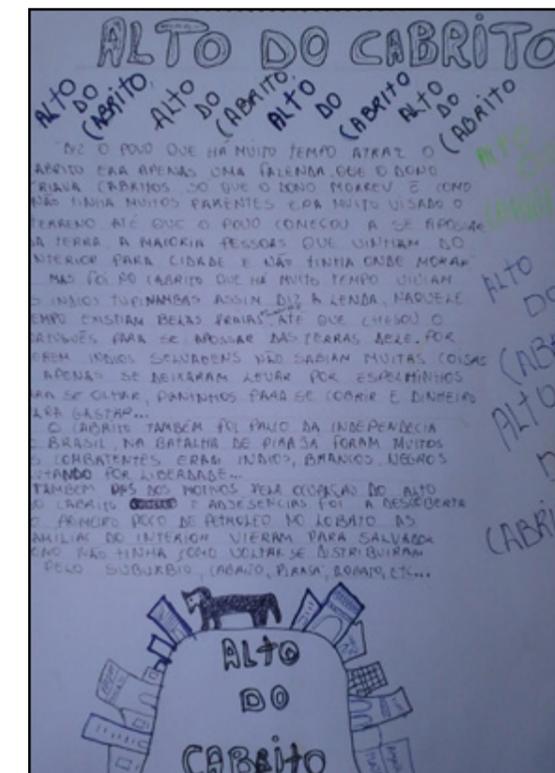
O intenso uso de imagens fotográficas do grupo dialoga, na nossa concepção, com a necessidade de dar um corpo àquela voz inscrita no Diário. Mostrar seus rostos, seus sorrisos e a alegria de estar junto, de exibir a sua pele negra, seus cabelos - às vezes trançados, às vezes com outros penteados -, seus adereços - chapéus, colares, etc. -, seu modo de se vestir; características que os singularizam e, ao mesmo tempo, fortalecem enquanto grupo. É um mecanismo de visibilização desses sujeitos, uma forma de combater a invisibilidade que enfrentam em outros textos, ou a forma como, majoritariamente, aparecem nas narrativas midiáticas: como corpos violentos ou violentados.

Esse conjunto de imagens cria na página um ambiente de descontração e integração entre os jovens, fortalecendo o sentido de pertencimento ao grupo e coesão. Também expressa momentos de concentração e dedicação ao propósito da atividade, além de exibir seus rostos, seus corpos em ação, ocupando esse importante espaço de visibilidade,

que já comentamos, e que jovens moradores de periferias, na sua ampla maioria meninos e meninas negros e negras, dificilmente ocupam.

Outra inscrição que nos parece importante para o processo de elaboração do ser jovem nesse lugar é aquela exibida abaixo, numa interação entre desenhos, palavras e textos, feitos com caneta esferográfica preta e azul, nas quais os jovens autores do Diário procuram acionar a história do lugar para que de alguma forma eles também possam se localizar. O texto traz referências de origens e temporalidades diversas e, como um mosaico de difícil combinação, apresenta o Cabrito como uma antiga fazenda, mas também como lugar de morada dos índios Tupinambás, além de ser palco das lutas pela Independência e ainda da descoberta do petróleo na Bahia. Ao lado dessa memória histórica um desenho do contemporâneo, uma elevação sobre a inscrição do nome “Alto do Cabrito”, com um animal - o cabrito - no seu cume, ladeado por construções urbanas, algumas identificadas como “mercado”, “igreja”, “farmácia” e “AMACA/Teatro”, que representam instituições importantes na construção da sociabilidade do lugar.

Figura 2 – Página de Apresentação da Comunidade Alto do Cabrito



Essa inscrição parece nos indicar que eles não estão sozinhos no caminho de transformar as suas realidades, que reconhecem parceiros, vizinhos, amigos que conformam

uma rede local importante para a busca de uma transformação. Dessa forma, apesar de se colocarem como atores importantes desse processo, se inserem enquanto pontos de uma trama maior e mais complexa. Não são o problema, mas também não podem ser sozinhos a solução.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os percursos que apresentamos nos oferecem alguns diferentes caminhos e fluxos narrativos e exibem uma significativa diversidade de camadas para a compreensão do lugar construído para/por jovens que se identificam como “da periferia”.

O texto oficial afirmou uma pluralidade de condições que caracterizam os modos de ser jovem. Com isso, caminhou na direção de superar uma tendência homogeneizante da abordagem macropolítica ao reconhecer a diversidade de identificações que geram, também, diversos modos de pertencimento. Entre essas condições específicas estão recortes de gênero, de orientação sexual, de pertencimento étnico e, também, de pertencimento territorial. Tais recortes dialogam com a concepção dos jovens-autores dos Diários no sentido de percepção de marcas peculiares que identificam a juventude de classes populares e moradora das periferias da cidade.

Já o conjunto de textos midiático oferece três(3) principais posições para identificar essa juventude: como alvo de violência - da polícia, de outros jovens, do Estado -; como autor de atos violentos; como público beneficiário de ações sociais.

Os modos de ser jovem, apresentados na autonarrativa, estão articulados a duas importantes condições que aproximam esses sujeitos: a relação de pertencimento aos lugares onde vivem e ao grupo do qual fazem parte. Contudo, ressaltamos que muitos outros operam simultaneamente - gênero, sexualidade, etnia, religiosidade, filiação político-partidária, etc. - provocando novos posicionamentos e realocações dos sujeitos.

A análise do Diário nos permitiu reconhecer uma autonarrativa que privilegiou a constituição do marcador juventude periférica com base na função social desse sujeito. Eles se apresentam, de forma geral, a partir da condição de agente transformador da sua realidade e, para isso, se inserem na centralidade de processos artísticos e políticos carregados de inventividade. É claro que muitas outras questões são acionadas no material, contudo, numa tentativa de síntese, consideramos que a função de agente transformador é a posição principal que os autores querem revelar nesse texto. Outra

marca importante, evidenciada nesse material expressivo, é o compartilhamento de um processo de transformação que evidencia mudanças significativas na subjetividade desses jovens, promovendo alteração nos padrões de autonomia, autoestima e segurança.

Esse desejo de mudança é também um diálogo com as outras formulações sobre os modos de ser dessa juventude que, muitas vezes, predefine papéis sociais a serem ocupados, como aqueles visibilizados pelo texto midiático, por exemplo. A quebra dessas barreiras e a compreensão radical, porque marcada no corpo, do direito a ocupar qualquer espaço na sociedade e se posicionar de qualquer maneira é um ganho político significativo. São formas de interromper ciclos de repetição de padrões sociais excluídos e preconceituosos.

Está explícito nesse exercício de escrita a possibilidade do transbordamento, daquilo que escapa, que abala as certezas de certo conjunto de coisas com fronteiras rigidamente estabelecidas. Um movimento capaz de instaurar e dar consistência às zonas intervalares, ao território do aproximativo dos “espaços opacos” (SANTOS, 2006), constituindo forças autênticas de ação resistente. Essa concepção associa a ação política a uma atuação desestabilizadora da ordem, do instituído, portanto, algo que instaura dúvida, coloca certezas em suspenso, interferindo no que Ângela Marques (2012), a partir do diálogo com Jaques Rancière, caracterizou de consenso.

O consenso define distribuições hierárquicas nas quais a fala de cada um e o lugar ocupado pelas pessoas são definidos em termos de sua apropriação e de sua adequação a uma função previamente definida como útil. Ele mascara a reprodução do poder e da injustiça em um fenômeno sutil de reafirmação de um quadro de sentidos que direciona e molda a imaginação e o julgamento das pessoas. (MARQUES, 2012, p. 5).

Logo, a luta política que se expressa na desestabilização dos consensos é aquela que consegue incluir não apenas novas abordagens aos temas, digamos, polêmicos, e sim a ação de incluir novos sujeitos no debate a partir das suas complexidades e incompletudes, as quais se revelam no processo de construção de conhecimento que se dá simultaneamente ao momento de ocupação desse outro lugar.

Desse modo, acreditamos que jovens autores de produtos comunicacionais como os Diários Criativos, assentados em uma narrativa autoral identitária, exercem uma importante função de atores políticos no uso das suas capacidades ao construir a sua narrativa. Nesse aspecto, mais importante do que o Diário enquanto produto acabado, a

força transformadora está no processo de constituição dessa escrita, aquilo que Jacques Rancière, sob a ótica de Marques (2012), define tornar-se um “ser de palavra”.

Rancière questiona a estrutura de um “mundo comum” sustentado pela racionalidade, universalidade e consenso, para revelar que os sujeitos não se apresentam prontos como interlocutores de um debate, conscientes de sua fala e de seus posicionamentos em uma ordem discursiva, mas se tornam seres de palavra justamente nesses momentos em que se engajam em espaços de enunciação (MARQUES, 2012, p. 6).

Isso nos possibilita compreender o Diários Criativo enquanto um produto comunicacional capaz de desestabilizar consensos em torno do papel social da juventude periférica, das suas formas de marcar seus lugares no mundo e demandar outros espaços e não previstos.

Os Diários são formas textuais de interromper ciclos de exclusão, inserindo esses sujeitos políticos no contexto social de forma complexa, tensa e até mesmo contraditória. E por todas essas condições e características configuram-se enquanto uma prática resistente que tensiona as condições ditas reais, forçando a abertura de novos espaços para a prática desses jovens. Esse exercício de se fazer visível, presente e elemento desestabilizador das tentativas hegemônicas da escrita traduz, na nossa perspectiva, uma ação política e transformadora.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marianna & COUTINHO, Eduardo Granja. Hip Hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global In: BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, p.211-228, 2008.
- BAHIA. Lei no. 1835/2010 de 11 de novembro de 2010. Institui o Plano Estadual da Juventude. (disponível em www.juventude.ba.gov.br)
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BORELLI, Silvia & ROCHA, Rose de Melo. Juventudes, Miatizações e Nomadismos: a cidade como arena. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo vol. 5 n. 13, p. 27 - 40, jul. 2008.
- CASTELLS, Manuel. Introdução. In: ABRAMOVAY, Miriam et all. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers - Juventude, Violência e Cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- CASTRO, Jorge; AQUINO, Luseni; ANDRADE, Carla (orgs.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 17o. Edição, Petrópolis: Vozes, 2011.

COMUNIDADE.... Comunidade Planeja novos protestos. *Jornal A Tarde*, 5 de maio de 2008. Editoria Salvador & RM, p. 8.

DELEGACIA especializada perdeu 50% do numero de agentes. *Jornal A Tarde*, Salvador, 09 mar. 2008, Editoria Salvador & RM, p.4

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HERSCHMANN, Micael & GALVÃO Mariana. Algumas considerações sobre a cultura *hip hop* no Brasil hoje. In: BORELI, Sílvia; FREIRE FILHO, João (Org.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, p. 195 - 210, 2008.

JRC. *Diário Criativo do Grupo Jovens Realistas do Cotidiano*. Salvador: 2008.

Kliksberg, Bernardo. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro 40(5), p.909 - 942, 2006.

MARQUES, Angela. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: *Anais do XXI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, p. 1 - 14, 2012, Juiz de Fora, MG.

MATOS, Daniela. *Diários, Mapas e Mediações: Comunicação, Cultura e Resistência da Juventude Periférica*. Tese de Doutorado. FAFICH/UFMG, 2012.

SALLES, Écio. Culturas Transitivas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.) *Cultura e Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, p.90 - 103, 2004.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. edição. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SILVA, Regina et. all. Dispositivo de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e no espaço. *E-compós*, Brasília, Vol.11, n.1 , p. 1-17,jan/abril 2008.

SOUZA, Jailson da Silva. Considerações sobre Juventude e Violência Urbana. *ECO-Pós*, v. 8, no. 1, 2005.

TOMMASI, Livia de. Transito, Trajetos e Circulação de Jovens na Cidade. *Pragmatizes- Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Nitéroi, Ano 3, número 4, p. 71-75, 2013

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

NOTAS

1. Em 1980, causas externas foram responsáveis por 61% dos óbitos de homens de 15 a 29 anos, já em 2006 essa taxa cresce para 77%. No mesmo período há uma elevação dos homicídios no total de mortes por causas externas, em 1980 correspondiam a 28,9% e em 2006 representaram 56,8%.
2. O debate sobre a ideia de novos sujeitos e movimentos sociais tem um marco importante, no Brasil, com a publicação do livro *Quando novos personagens entraram em cena - experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970/1980* de Eder Sader, em 1988. Essa obra que tem como objeto de estudo prioritário os movimentos sociais dos trabalhadores de SP, em um Brasil ainda sob a força da ditadura militar, vai além de uma minuciosa análise sociológica desse objeto para construir de maneira muito sólida a percepção “desses movimentos como criação de um novo sujeito social e político”(CHAUI, p.10,1995).
3. O grupo *Jovens Realistas do Cotidiano (JRC)* existe desde 2003 (até 2008, quando foi feita a coleta de dados para a pesquisa que deu origem ao presente trabalho), formado por cerca de quinze (15) adolescentes e jovens, entre 12 e 17 anos entre eles. O grupo realiza oficinas de dança, teatro e HIP HOP, ministradas por dois (2) jovens, lideranças do grupo. As ações acontecem no Colégio Estadual Helena Mata Pires e na Paróquia Sagrado Coração de Jesus, ambos no bairro do Alto do Cabrito, em Salvador na Bahia.
4. Os Diários Criativos são materiais expressivos que revelam um modo de escrita experimentado por jovens, em grupo. São escritos que se articulam com base na intenção principal de falar de si e da sua comunidade de pertença de um modo próprio e autoral. Na nossa concepção esses Diários são cartografias, no sentido proposto por Silva *et al* (2008), que contraria formas estatizantes e busca modos de apreensão das dinâmicas de uso do urbano. Esse material é resultado de uma atividade de formação cultural proposta por educadores do Centro de Referência Integral de Adolescentes à jovens participantes do seu programa de formação de jovens dinamizadores culturais.
5. O Jornal A Tarde é um veículo de mídia impressa publicado na cidade de Salvador, na ocasião da coleta de dados se apresentava como o jornal de maior circulação no Estado da Bahia e sua Capital. Esse material compõe o corpus empírico analisado na Tese de Doutorado “Diários, Mapas e Mediações: Comunicação, cultura e resistência da juventude periférica” de minha autoria.
6. CRIA Centro de Referência Integral de Adolescentes é uma ONG localizada em Salvador que atua, desde 1994, em prol da formação de adolescentes e jovens enquanto dinamizadores culturais e mobilizadores de suas comunidades.

Artigo recebido: 13 de fevereiro de 2015

Artigo aceito: 05 de maio de 2015